



Boas Práticas

Posicionamento e orientação no espaço

Tronco do módulo R

1. Contexto

O contexto pretendido pode ser uma escola primária ou dos primeiros anos do secundário

2. Objetivos

Esta ficha de boas práticas destina-se a descrever práticas que ajudam a instalar o aluno com necessidades educativas especiais (NEE) no lugar de aluno. Basicamente, esta instalação tem em conta o tamanho do local.

3. « desenvolvimento da boa prática »

aqui, o aluno pode ser considerado como um problema de necessidades específicas múltiplas, combinadas ou separadamente, incluindo deficiências sensoriais e/ou perturbações de comportamento. O objetivo é, portanto, fazê-lo ver bem, ouvir bem, ser ouvido e ser compreendido para gozar de um ambiente seguro. Estamos numa turma regular.

Caso 1: a turma está numa situação de aprendizagem clássica, com um professor que usa o quadro como apoio. Deste modo, deve-se tomar atenção à posição do aluno NEE no espaço da sala de aula:

- está a uma boa distância do quadro? Não se perturba com os reflexos no quadro? Ou por uma luminosidade inadequada (o brilho do sol ou pouca luz)? É prejudicado por cores específicas?
- Está a uma boa distância do professor?
 - o Se tem uma perturbação da audição, talvez possa tirar partido da sua audição residual. Evite coloca-lo perto de alunos barulhentos ou agitados.
 - o Se têm dificuldades visuais, verifique com o ortopedista, entre outros, a tipologia da deficiência em questão. Nalguns casos, a criança não vê o adulto quando ele não está demasiado perto ou em frente mas vê-o melhor lateralmente. Tenha também em conta os efeitos da luz de fundo.
- Do mesmo modo, se a criança tem dificuldades na fala, posicione-a num local no meio da turma onde o professor e os alunos a possam entender. Especialmente daqueles que comunicam fluentemente e compreendem facilmente.

Caso 2: a turma está em atividade ou numa oficina em pequenos grupos.

- Assegure-se de que a criança tem o equipamento adequado. Por exemplo, uma mesa suficientemente larga quando comparada com a dos outros e a uma boa distância (sem a isolar, claro) dos outros pra salvaguardar a desarrumação que pode revelar.
- Varie a composição dos pequenos grupos à volta da criança, especialmente se ela tiver distúrbios de atenção ou comportamento. Evite grupos imutáveis.
- Verifique se no grupo não há crianças muito turbulentas ou agitadas.
- Pense numa disposição das mesas em blocos, é melhor. Dá um efeito mais coletivo e de apoio para aqueles que têm dificuldades, como a disposição num autocarro.

Caso 3: Desenvolvimento de um espaço de recurso para uma criança com NEE.

- Prefira um espaço onde a criança não esteja sob o olhar do grupo. De preferência um espaço fora da sala de aula.
- Providencie uma pessoa de referência para acompanhar a criança no seu espaço para a estabilizar.
- Crie um espaço separado: leve-os para fora do espaço de aprendizagem, para fornecer objetos relacionados com jogos, livros,. Uma vez neste espaço, o adulto age como um estranho e promove a postura da criança como um aluno. Esta modalidade de espaço torna possível evitar a sanção da estigmatização e da exclusão.
- Se necessário, o espaço pode ser disponibilizado para vários alunos ao mesmo tempo. Este local o adulto pode por o grupo a trabalhar e fazê-los falar sobre a sua situação que é comum e partilhada. Dizer “porque fiquei neste estado”, porque “me estou a passar” falar no grupo com os seus pares. Mobilizar o efeito de espelho, os elementos de resposta são promovidas pelo adulto e ditos pela criança.

4. Avaliação da atividade

- Verificar o bem estar da criança no coletivo e na situação de aprendizagem. Ela consegue participar no tempo da turma e noutras atividades? É introvertida? Sente-se bem na partilha com o grupo das crianças ou com algumas em particular? Ela sente-se bem na partilha com os adultos à sua volta? O número de “surto” ou crises diminuiu?
- Ao ser dado espaço de expressão com o grupo de crianças, professores, acompanhantes e possivelmente a família para ver o que a criança sente, o que diz ela sobre o local que se tentou proporcionar para ela na escola. Ela sente-se bem instalada no local que se tentou arranjar para ela?

5. Limites

Gerir isto pode ser complicado em termos de organização e fornecimento de recursos e tempo. A avaliação dos contributos pode levar tempo e exige a intervenção de um especialista profissional. O desafio, aqui, será ter em conta a singularidade e as necessidades de cada criança.

6. Perspetivas

A implementação deste acompanhamento de estabelecer marcos em dimensões temporais pode servir como apoio para diferentes atividades educativas, permitindo trabalhar novas competências. Esta dimensão de acompanhamento que estabelece marcos temporais pode ser completada por um trabalho de acompanhamento e orientação no espaço.

